

Fluxo Narrativo na Historiografia Arquitetônica: movimentação gráfica e cronológica de sete livros de panorâmicos da história da arquitetura do século XX

Tais Ossani, Ruth Verde Zein e Ana Esteban

OSSANI, Taís C.; ZEIN, Ruth V.; ESTEBAN MALUENDA, Ana M. Fluxo Narrativo na Historiografia Arquitetônica: movimentação gráfica e cronológica de sete livros de panorâmicos da história da arquitetura do século XX. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, e 379, out 2024

data de submissão: 19/04/2023
data de aceite: 30/01/2024

Taís C. OSSANI é Doutora em Arquitetura e Urbanismo; professora da Universidade Cruzeiro do Sul; tais.c.ossani@gmail.com

Ruth V. ZEIN é Pós-Doutora em Arquitetura e Urbanismo; professora do PPGAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie; rvzein@gmail.com

Ana M. ESTEBAN MALUENDA é Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Diretora do Departamento de Composição Arquitetônica e Coordenadora do programa de Doutorado da Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Madrid; ana.esteban.maluenda@upm.es

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão a respeito da movimentação do tempo cronológico em sete narrativas canônicas sobre o século XX da arquitetura. Nele são estudados elementos teóricos sobre a construção textual dos fatos do passado, organizados estruturalmente em uma publicação bibliográfica. E a partir desses livros, como objeto de pesquisa e amostra de estudo, são coletados dados cronológicos na elaboração de gráficos comparativos, de modo a perceber a movimentação desses fatos na construção da narrativa histórica.

Palavras-chave: narrativa, arquitetura, cronologia, gráficos.

Abstract

This article presents a reflection on the movement of chronological time in seven canonical narratives about the twentieth century of architecture. In it, theoretical elements are studied about the textual construction of the facts of the past, structurally organized in a bibliographical publication. And from these books, as a research object and study sample, chronological data are collected in the elaboration of comparative graphs, in order to perceive the movement of these facts in the construction of the historical narrative.

Keywords: narrative, architecture, chronology, graphics.

Resumen

Este artículo presenta una reflexión sobre el movimiento del tiempo cronológico en siete relatos canónicos sobre el siglo XX de la arquitectura. En él se estudian elementos teóricos sobre la construcción textual de los hechos del pasado, organizados estructuralmente en una publicación bibliográfica. Y a partir de estos libros, como objeto de investigación y muestra de estudio, se recogen datos cronológicos en la elaboración de gráficos comparativos, con el fin de percibir el movimiento de estos hechos en la construcción del relato histórico.

Palabras-clave: narrativa, arquitectura, cronología, gráfica.



Introdução

O passado, como objeto da escrita histórica, é representado textualmente no formato de narrativa, na qual os acontecimentos são organizados a partir de elementos comuns da compreensão humana. Essa narrativa é baseada em evidências reais do passado, mas essas nunca são suficientes para se compor um relato completo. A subjetividade necessariamente permeia a escrita histórica, uma vez que ela é escrita por um ou mais sujeitos, também eles entes históricos e circunstanciados.

A realidade dos acontecimentos no tempo passado existe como fatos datados, que já não são totalmente apreensíveis na vivência do tempo presente. Assim, é só a partir do sujeito-narrador, situado em cada novo presente, que uma narrativa, ou interpretação, sobre uma certa temática, passa a ser possível. Tampouco são todos os acontecimentos que entram em uma narrativa: para se configurar de maneira consistente, alguns fatos são escolhidos, recortados e editados. Uma narrativa é composta através de fatos, selecionados pelo narrador, a partir da consideração presente das realidades do passado. A ordem em que esses fatos são expostos em cada texto é também uma escolha: em princípio, haveria infinitas maneiras de encadear um relato. Uma narrativa não necessariamente apresenta algum tipo de "conexão verídica": ela é sempre um modo possível de interpretação, adotado pelos sujeitos que organizam o texto, preferencialmente a partir de um exame cuidadoso e interessado desses fatos.

Este artigo trata de alguns dos elementos teóricos inerentes à construção das tramas das narrativas históricas acerca da arquitetura moderna, tendo como base as discussões realizadas em uma pesquisa mais ampla¹. Apresenta e ilustra, através de gráficos, a movimentação cronológica constante em uma seleção de narrativas históricas, que foram escolhidas entre aquelas de maior difusão e prestígio no meio acadêmico do ensino de arquitetura. O objetivo deste artigo é contribuir para a superação das compreensões superficiais sobre a disciplina da história da arquitetura, frequentemente entendida, no meio acadêmico e profissional dos arquitetos e estudantes de arquitetura, como a simples apresentação de um conteúdo completo e "revelado" –ou seja, fixo, definido e não passível de crítica ou reconsideração. Seu foco é a análise de como a "continuidade temporal", construída na trama na maioria dessas narrativas históricas "canônicas"², é disponibilizada conformando uma ordem

¹ A pesquisa mais ampla refere-se à tese de doutorado: Ossani, Tais. Elementos Historiográficos Estruturantes: o sujeito que posiciona e os balizadores numéricos que movimentam sete narrativas da história da arquitetura. 2022. Tese (Doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022. Realizada sob a orientação da professora Dra. Ruth Verde Zein e Coorientação da professora Dra. Ana Esteban Maluenda com período de mobilidade acadêmica na Universidade Politécnica de Madrid (bolsa Capes-Print nº processo: 88887.583996/2020-00 do Programa CAPES-PRINT).

² Sobre o termo, consultar também o artigo: ZEIN, R. V. O vazio significativo do cânon. V!RUS, São Carlos, n. 20, 2020 e as demais pesquisas do grupo de trabalho da Universidade Presbiteriana Mackenzie "AMBAL" liderado pela professora doutora Ruth Verde Zein, como a publicação: ZEIN, Ruth Verde (Org.). Revisões historiográficas. Arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro, Rio Books, 2021.

sequencial aparentemente simples, mas de fato bem mais complexa do que sua percepção imediata indica. E como, por outro lado, essa estrutura habitual desses relatos poderia, ou deveria, ser questionada e, eventualmente, revisada.

1. Sobre as narrativas

A construção da trama narrativa (White, 2011, p. 35) possibilita inúmeras entradas de conteúdos, selecionados e posicionados de acordo com a intenção do sujeito-autor. Essa aparente amplitude conformativa esbarra nos limites do método narrativo, como estratégia retórica pela qual a experiência humana se molda, apresentando-se por meio de uma ordenação sequencial, construindo um significado, passível de ser compreendido por outros. De alguma forma, a narrativa limita o modo como o conteúdo é organizado, pois utiliza-se da sua própria estrutura linguística, de relato sequencial e coordenado que esta permite e define (Stone, 1979, p.4).

Grande parte das histórias da arquitetura em uso atualmente foram construídas a partir de uma sequência temporal-cronológica empregada como estratégia linguística necessária na construção de uma leitura sobre o passado. De modo recorrente, seja nas grandes narrativas, seja nas micro-histórias, ou nas narrativas que visam incluir conteúdos previamente omitidos, interpreta-se o passado através de uma conformação delimitada por uma ordem específica e praticamente unívoca e linear de acontecimentos³.

A utilização desse recurso de linearidade temporal não se restringe apenas à operação em que a narrativa introduz, mas atribui também uma condição crível ao seu discurso. No caso das narrativas sobre a arquitetura, inclusive sobre a arquitetura moderna, os autores tendem a incluir os objetos arquitetônicos como um “fato em si” e menos como uma seleção que se guia por uma interpretação circunstanciada. Ademais, tanto no ato de documentar o conhecimento sobre o passado, como na definição da estruturação narrativa, os sujeitos-autores vão construir seus argumentos a partir da sua condição privilegiada do tempo presente, reconstruindo os fatos do passado já sabendo do desenrolar dos eventos, conformando um processo de validação “ao revés” ao usar essa clarividência para construir provas ou argumentos retroativos, de maneira a estabelecer a credibilidade da importância, desde sempre e até o momento presente, dos fatos selecionados.

³ Essa afirmação pode ser interpretada nas publicações de Le Goff (1997), sobre a definição do conceito de história associada à aparência de uma “coisa viva”, à qual é possível reportar-se, sempre e quando necessário e também, na demonstração da hipótese presente na tese de doutorado de Ossani (2022).

Um texto escrito possui algumas convenções, enquanto estrutura linguística, como apresenta Saussure (2012, p. 137); as quais não são leis ou regras, mas características percebidas como comuns da língua, enquanto uma instituição social. A diacronia é uma dessas características. A linguística diacrônica apresenta-se pelas relações que unem termos sucessivos que substituem uns aos outros no tempo (Saussure, 2012, p. 142); nessa sequência, os termos não coexistem, mas aparecem um depois do outro. O que pode gerar a possibilidade de uma resultante comum interpretativa, associada à percepção dessa sequência de acontecimentos sobre o passado, organizados em sucessão e associados ao recurso cronológico, identificando e se posicionando como referência de continuidade.

A ordem com que são dispostos os eventos incluídos na narrativa não é aleatória, os autores realizam pequenos arranjos causais, ao longo das páginas e dos capítulos, que vão atribuindo significados às questões em debate. Esse posicionamento está frequentemente ligado à própria condição da narrativa estar exposta em um livro, considerando-o aqui como um objeto concreto, com um modo específico de uso: um conjunto de páginas que se apresenta segundo uma sequência, a serem lidas a partir da capa, em direção ao conteúdo central, até as conclusões, considerações finais, bibliografia etc. Convencionalmente, a estrutura narrativa do conteúdo histórico tende a acompanhar essa conformação sequencial, distribuindo o conteúdo do início do livro em direção ao seu final. Sugerindo um começo sobre o assunto nas páginas iniciais, em geral, tratado por meio dos elementos linguísticos dos antecedentes e das origens da temática a ser abordada. Em sequência, no meio da publicação, o conteúdo vai conformando o *corpus* da temática, através da reiteração de momentos exemplares e momentos de ruptura, alternadamente. Ao final, nas últimas páginas, a narrativa pondera os resultados dessa construção textual, considerado possíveis momentos exemplares e/ou de ruptura, considerando a estrutura narrativa prévia e as temáticas mais próximas ao momento presente em qual os sujeitos-autores escrevem o livro.

O encadeamento dos fatos na escrita narrativa em geral se apresenta permeado pela inserção de orações de causalidade, a partir da elucidação de parcialidades. Por outro lado, essas parcialidades também podem ser vistas a partir da totalidade, entendendo esses grupos fragmentados de sentenças “de causalidade”, dispersas nas páginas do livro, na organização

mais ampla do conteúdo proposto pelos narradores. As relações causais assim construídas, ao longo do conteúdo narrativo, são circunstanciais: nelas comparamos decisões editoriais, questões envolvendo a memória e conhecimento disponível; e se apresentam por meio de recursos linguísticos expressos pela acumulação, repetição e rupturas (Bruner, 1991, p. 18), conformando validações de relatos e/ou autores anteriores, ou propondo uma construção cultural parcial ou mais ou menos inovadora.

Essas conexões relacionais sucessivas, vão além de palavras do vocabulário da língua portuguesa que indicam sequencialidade, como: após, depois, antes, consequência dentre outras. Deparam-se também com o fator cronológico, comentado anteriormente, que é tanto um aliado como um limitador da construção da narrativa histórica, ao configurar um possível gancho de associação à verificabilidade dos fatos apresentados. A possibilidade de uma narrativa de desenhos múltiplos, aberta a diversas inclusões e conformações conectivas, esbarra na condição crível representada pelos balizadores cronológicos. A sucessão dos eventos, no tempo cronológico, proporciona certa percepção de sequencialidade, em geral ascendente, relativizando o valor cronológico e sua progressão. Sua lógica sugere um posicionamento e uma atribuição de significado nos eventos em sequência, dispostos no início (origem), no meio e ao final (consequência) dos livros, em uma ação que simbolicamente sugere uma construção mental caminhando do passado em direção ao futuro. A cronologia, como convenção linguística da escrita ocidental e do desenho, realiza um cômputo supostamente linear do tempo, normalmente crescente, enfatizando essa possibilidade⁴.

No caso das histórias da arquitetura é também de relevância uma outra camada. As obras de arquiteturas, como objetos concretos e de longa duração (Braudel, 1958, Waisman, 2013), são retratadas nas narrativas históricas seja textualmente, seja por imagens. Essa inserção ocorre quase sempre por meio de um registro pontual, que assume uma posição no texto, cuja associação cronológica geralmente se dá a partir da data inicial da construção/inauguração dessa obra de arquitetura. Desse modo, sua aparição no relato a aproxima mais da representação de um fato ou documento, acontecido, escrito, datado e encerrado, do que de um objeto arquitetônico que, embora tenha uma origem, persiste no tempo, e, portanto, se modifica em si mesmo e/ou nas possíveis interpretações que pode sugerir aos seus usuários e observadores. Se a particularidade da arquitetura como sendo con-

⁴ Sobre a temporalidade na escrita histórica ocidental verificar, em complemento, o artigo de Barros (2005) e as costuras realizadas sobre os dizeres de Veyne (1982) sobre a divisão tradicional espaço e tempo.

formada por objetos reais e de longa duração no tempo e no espaço, passíveis de transformações ao longo do tempo cronológico, fosse de fato considerada, os modos de sua inserção na narrativa poderiam ativar uma reflexão crítica. E, possivelmente, outras maneiras de estruturar as futuras histórias da arquitetura.

Os gráficos gerados pela pesquisa, a partir dos livros de história da arquitetura selecionados, demonstra de maneira visual, clara e imediatamente apreensível como ocorre a movimentação do tempo cronológico atrelado ao desenrolar da temática central de cada narrativa, através de ações parciais conectivas que se adequam à percepção de verossimilhança. De fato, no tempo narrativo nunca há apenas uma "linha do tempo", em constante ascendência. O exame mais cuidadoso e minucioso das estruturas das narrativas revela diferentes movimentações, idas e vindas, retomadas e retrocessos, como parte fundamental e necessária na construção da percepção da narrativa histórica; e do que, na superfície e em aparência, pode vir a ser aceito como verdadeiro, ou plausível, ou verossímil. Para realizar esse estudo tomou-se em consideração os "balizadores numéricos"⁵, como são utilizados e como se apresentam na construção argumentativa das partes que compõem a estrutura narrativa. Assim, através de uma relação diacrônica construída pela sua contagem, foi possível revelar as movimentações (idas e vindas) que ligam diversos pontos do tempo cronológico, aparentemente apenas ascendente, mas de fato, sempre comparando de maneira muito mais complexa do que as aparências imediatas levam a crer.

⁵ Os balizadores numéricos são eventos incluídos na narrativa associados a um valor numérico. Esse valor se apresenta na contagem de "anos", a exemplo de 1949.

2. Aplicando em uma amostra

As narrativas dos livros de história da arquitetura publicadas no século XX, tendo como recorte geográfico a presença dessa bibliografia nos acervos digitais das bibliotecas dos cursos de Arquitetura e Urbanismo de uma amostra de universidades brasileiras, foi o objeto da pesquisa que originou este estudo. Para essa escolha optou-se por selecionar os livros mais consultados, considerando as bases de dados das bibliotecas dos cursos de arquitetura do Brasil. Tendo em vista o elevado número atual de escolas de arquitetura no país⁶, era necessário definir uma amostragem mais reduzida, mas ainda assim, suficientemente significativa. Optou-se por eleger uma universidade pública em cada estado brasileiro, e uma no Distrito Federal, totalizando 27 Instituições de Ensino Superior (IES), o que permitia configurar uma certa amplitude geográfica como baliza dessa pesquisa.

⁶ Segundo portal e-MEC (2022) são mais de 800 cursos de arquitetura e urbanismo no país, considerando universidades/faculdades públicas e privadas com cursos presenciais.

A verificação sobre quais livros de história da arquitetura eram mais consultados deu-se via os repositórios digitais das respectivas bibliotecas, sendo ativada por meio da busca com palavras-chave. Foram feitas algumas investigações preliminares até se optar pelos seguintes 8 termos: "história da arquitetura", "panorama da arquitetura", "arquitetura século XX", "arquitetura moderna", "arquitetura contemporânea", "arquitetura latino-americana", "arquitetura mundial/global" e "arquitetura brasileira/Brasil". Essas palavras-chave foram pesquisadas em português, inglês e espanhol, as três línguas mais comuns nos acervos das bibliotecas de arquitetura no Brasil.

A partir dessa busca foram coletados no total (valor bruto) 905 títulos de livros; após triagem e verificação das repetições resultaram 118 títulos. Checando aqueles com maior ocorrência foram sendo realizadas novas triagens. Tendo em vista a proposta de realizar um estudo razoavelmente aprofundado, com a produção de vários gráficos, para estudar a movimentação do tempo cronológico na narrativa de cada livro, optou-se por restringir esse campo, neste primeiro momento da pesquisa, a apenas sete livros. Os livros de maior ocorrência nos repositórios digitais da seleção de universidades públicas brasileiras são: "Arquitetura Contemporânea no Brasil" de Yves Bruand, "Arquiteturas no Brasil, 1900-1990" de Hugo Segawa, "Origens da Arquitetura Moderna e do Design" de Nikolaus Pevsner, "Os Pioneiros do Desenho Moderno. De William Morris a Walter Gropius" também de Nikolaus Pevsner, "História da Arquitetura Moderna" de Leonardo Benevolo, "Quadro da Arquitetura no Brasil" de Nestor Goulart Reis Filho e "História Crítica da Arquitetura Moderna" de Kenneth Frampton.

A pesquisa analisou diversos aspectos das narrativas de cada um desses livros. Neste artigo será analisado apenas um desses fatores: a movimentação dos balizadores numéricos. Esta se configurou a partir da coleta dos "anos" (datas) presentes tanto no texto como nas legendas das imagens incluídas. Foram elaborados gráficos que permitiram visualizar o desenho do fluxo cronológico de cada narrativa, em cada um dos livros considerados. Os dados numéricos foram estão expostos em um plano bidimensional cartesiano, no qual o valor do eixo Y (ordenadas) apresentam a referência dos anos encontrados e no eixo X (abcissas), indica a quantidade de eventos coletados (imagem 01). A linha resultante demonstra a variação dos balizadores numéricos ao longo da narrativa (do começo ao fim).

Em detalhe, os gráficos variam em relação à dois fatores: no primeiro fator, foram coletados os “anos” presentes no texto, na ordem em que aparecem no livro. Como a análise foca na percepção da movimentação do tempo cronológico e não do conteúdo, não será apresentado o fato ao qual o ano se refere, apenas o dado numérico. Já no segundo fator foram considerados os “anos” referenciados nos títulos das “imagens” incluídas publicação, de modo a perceber como estão posicionadas na narrativa e sua relação com o tempo cronológico.

Os balizadores numéricos (anos) foram compilados usando a publicação completa dos livros selecionados e não apenas por segmentado nos capítulos. Desse modo, é possível compará-los e identificá-los como desenhos que representam a movimentação do tempo narrativo completa nos sete livros. Nos gráficos as movimentações de idas e vindas dos balizadores sinalizam também as relações de conteúdo e, possivelmente, indicam questões de verossimilhança e limites com a verificabilidade.

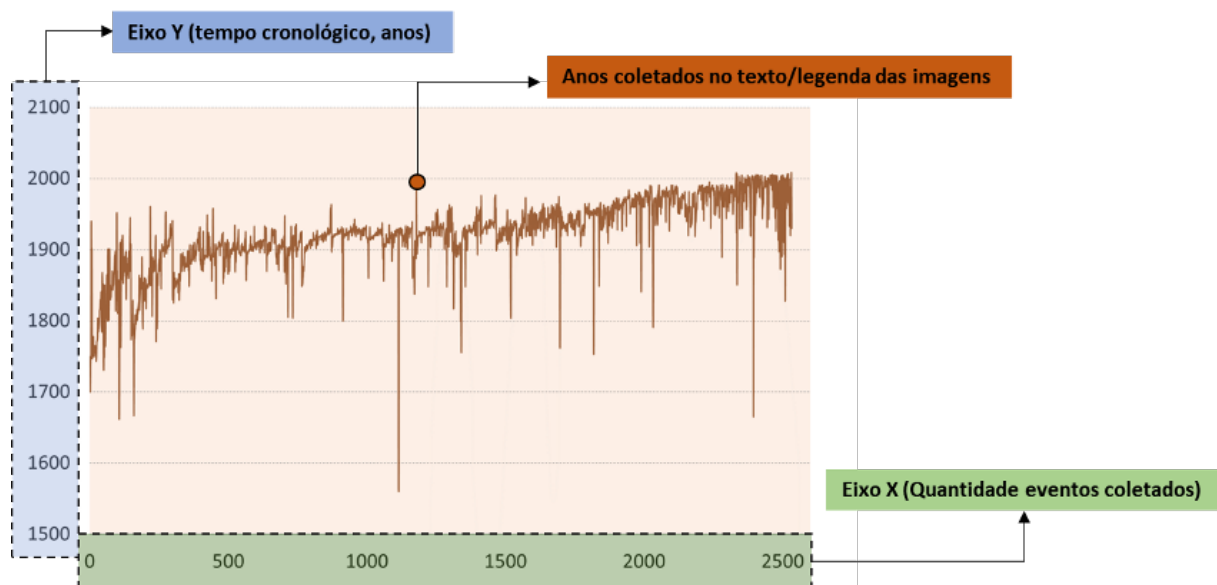


Imagem 1
Gráfico explicativo
Fonte: Realizado por Ossani (2022)

3. Gráficos Narrativos - primeiro fator: ano x texto

O primeiro gráfico (imagem 02 e 03) foi construído para cada uma das sete narrativas, mas apresentado em conjunto, numa síntese comparativa, cada cor refere-se a um respectivo autor. O eixo Y (vertical/or-denadas) indica o tempo cronológico (dos anos 1500

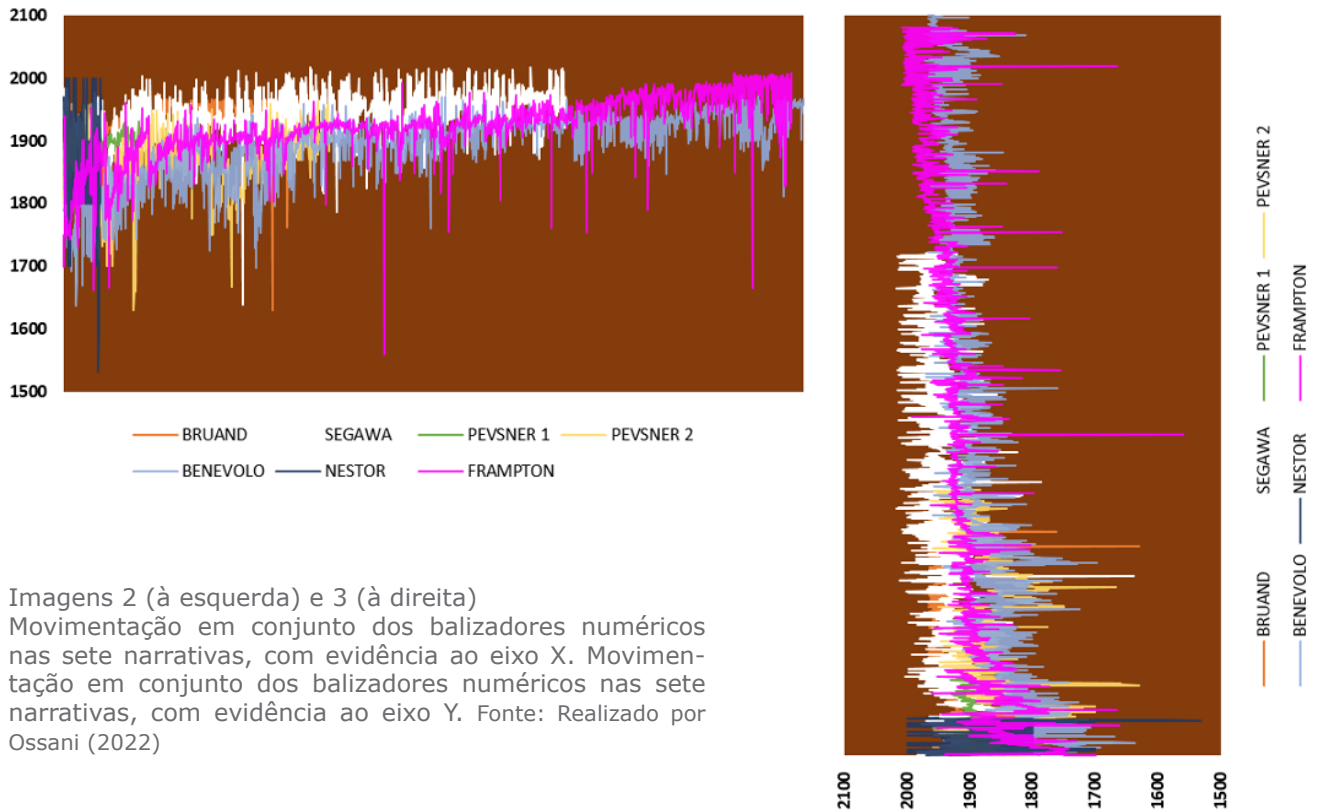
a 2100) e o eixo X (horizontal/abcissas) a quantidade de vezes (do valor 0 e até o valor de 2.500) que a informação/evento aparece na narrativa.

Na análise comparativa (imagens 02 e 03), da sobreposição dos desenhos da movimentação do tempo cronológico de cada uma das sete narrativas, há em primeiro plano a percepção da quantidade de eventos incluídos no texto em associação à unidade cronológica (anos)⁷. As narrativas de Frampton (linha cor rosa) e Benevolo (linha cor azul claro) são mais extensas, pois são livros com maior quantidade de páginas; mas é possível perceber a narrativa de Segawa (linha cor branca), que apesar de um menor número de páginas, apresenta destaque em relação à quantidade de eventos incluídos que se associam a unidades cronológicas. Já em algumas narrativas percebe-se que a referência aos “anos”, ou balizadores numéricos, é um recurso comparativamente menos utilizado. É o caso do livro de Bruand, que em comparação com o livro de Segawa, mesmo ambos abordando temáticas e tendo dimensões físicas similares, e apesar da diferença do número de páginas – o livro de Bruand possui quase o dobro de páginas da narrativa de Segawa – o livro de Segawa apresenta quatro vezes mais balizadores numéricos por página que Bruand.

Quando coletados individualmente, mas dispostos todos em uma mesma folha (imagens 04 e 05), é possível visualizar e comparar como cada narrativa se comporta no plano cartesiano em relação aos eixos Y e X, ou seja, seu deslocamento no tempo cronológico e a quantidade de eventos incluídos associados à balizadores numéricos. Foi destacado em vermelho os séculos mais tratados em cada narrativa: Bruand e Segawa no século XX; Pevsner (1968) e Pevsner (1936) século XIX; Nestor Goulart Reis Filho entre dois séculos XIX e XX. Benevolo e Frampton se dividem: Benevolo apresenta um grupo de balizadores numéricos iniciais no século XVIII e avança na mesma ordem da narrativa se dividindo em século XIX e XX; Frampton é semelhante, com menor intensidade de inclusão de balizadores numéricos no início do século XIX e maior quantidade no século XX.

Os balizadores numéricos também ajudam a demonstrar a existência de uma movimentação cronológica significativa ao longo do texto. Essa movimentação numa conformação narrativa, apesar de contínua, não apresenta um cômputo simples do passado em direção ao futuro, e tão pouco conforma uma movimentação linear-homogênea. Os desenhos que representam os esquemas históricos como uma linha do tempo reta

⁷ As narrativas escritas pelos sujeitos-autores nem sempre associam o acontecimento incluído a um registro temporal-cronológico, o que faz parte do que Stone (1978) aborda como característica imaginativa da história, permitindo uma maior fluidez a narrativa sobre o passado, mas que também faz com que não seja sempre possível a verificação da realidade da argumentação causal apresentada. Uma vez que, o recurso do registro de um documento marcado pela associação temporal, faz com que as relações apresentadas se tornem mais verificáveis.



e simples – como frequentemente se vê em estudos históricos – simplificam talvez demasiadamente a complexidade da estruturação dessas narrativas.

A consideração do valor numérico “ano”, no tempo cronológico das narrativas estudadas, apresenta graficamente no plano cartesiano um ritmo variável nos eixos Y e X. No eixo Y essa variação se apresenta em fragmentos de retas ora crescentes, ora decrescentes, numa lógica específica de cada narrativa, sem que se perceba, de imediato, uma lógica aparente comum. No eixo X ocorre uma distância na identificação dos “anos” relativos aos “eventos reais” no texto. A variação crescente ou decrescente dos segmentos de retas se dá a partir da correlação construída na narrativa pelo sujeito-autor sobre os eventos incluídos.

Um exemplo da narrativa de Segawa (1998, p. 105) demonstra essa movimentação no gráfico: “Portinari colaborou com os arquitetos brasileiros nos painéis do Edifício do Ministério da Educação e Saúde (1945) e no edifício-sede da ONU em Nova York (1957)”. Esses deslocamentos no tempo cronológico podem ocorrer tanto na construção de uma oração causal, numa proposta reflexiva de comparação mental. Como na própria sequência da narrativa, na passagem de um parágrafo para o outro ou na construção de dois frag-

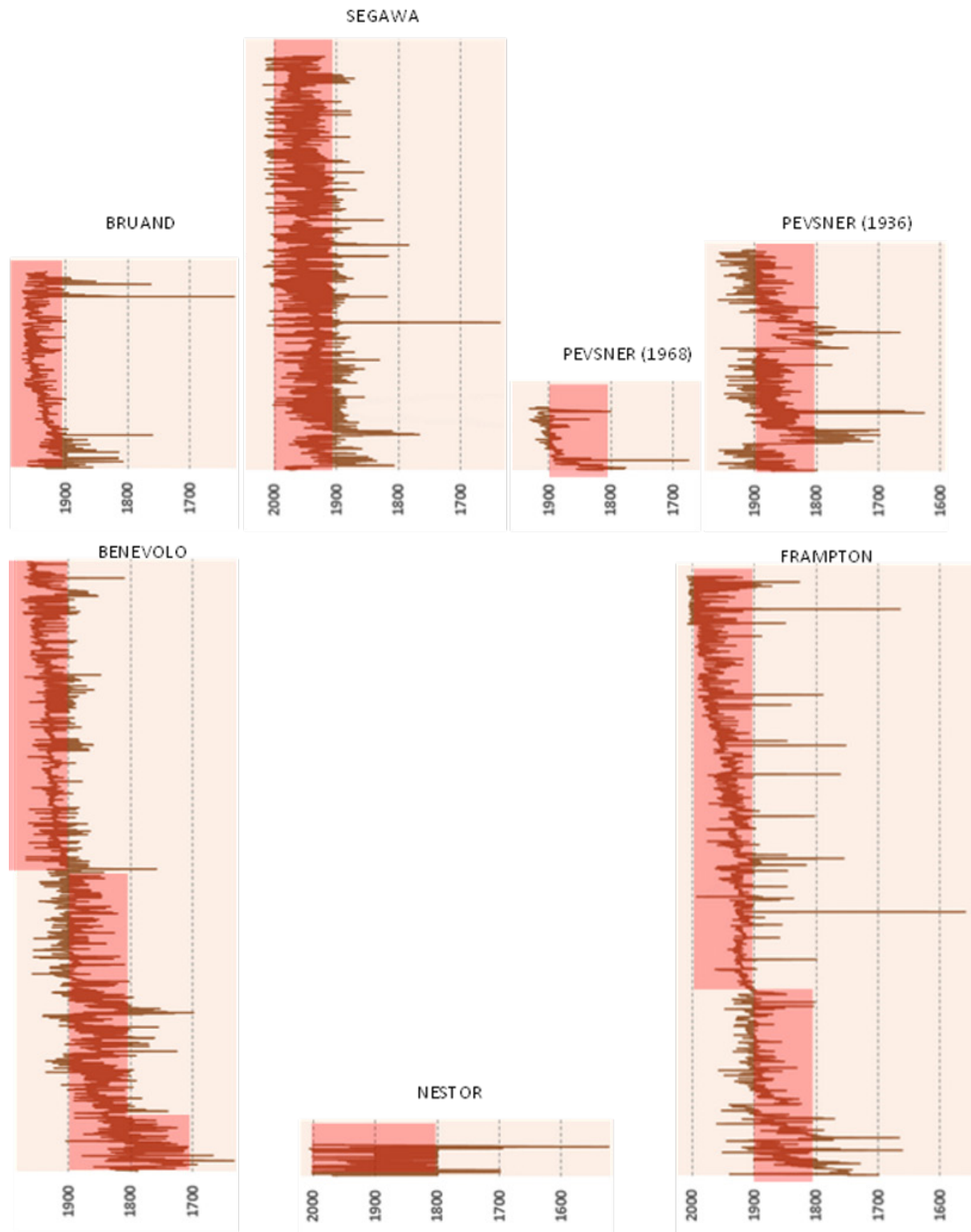


Imagem 4
Movimentação dos balizadores numéricos nas sete narrativas, com evidência ao eixo Y
Fonte: Realizado por Ossani (2022)

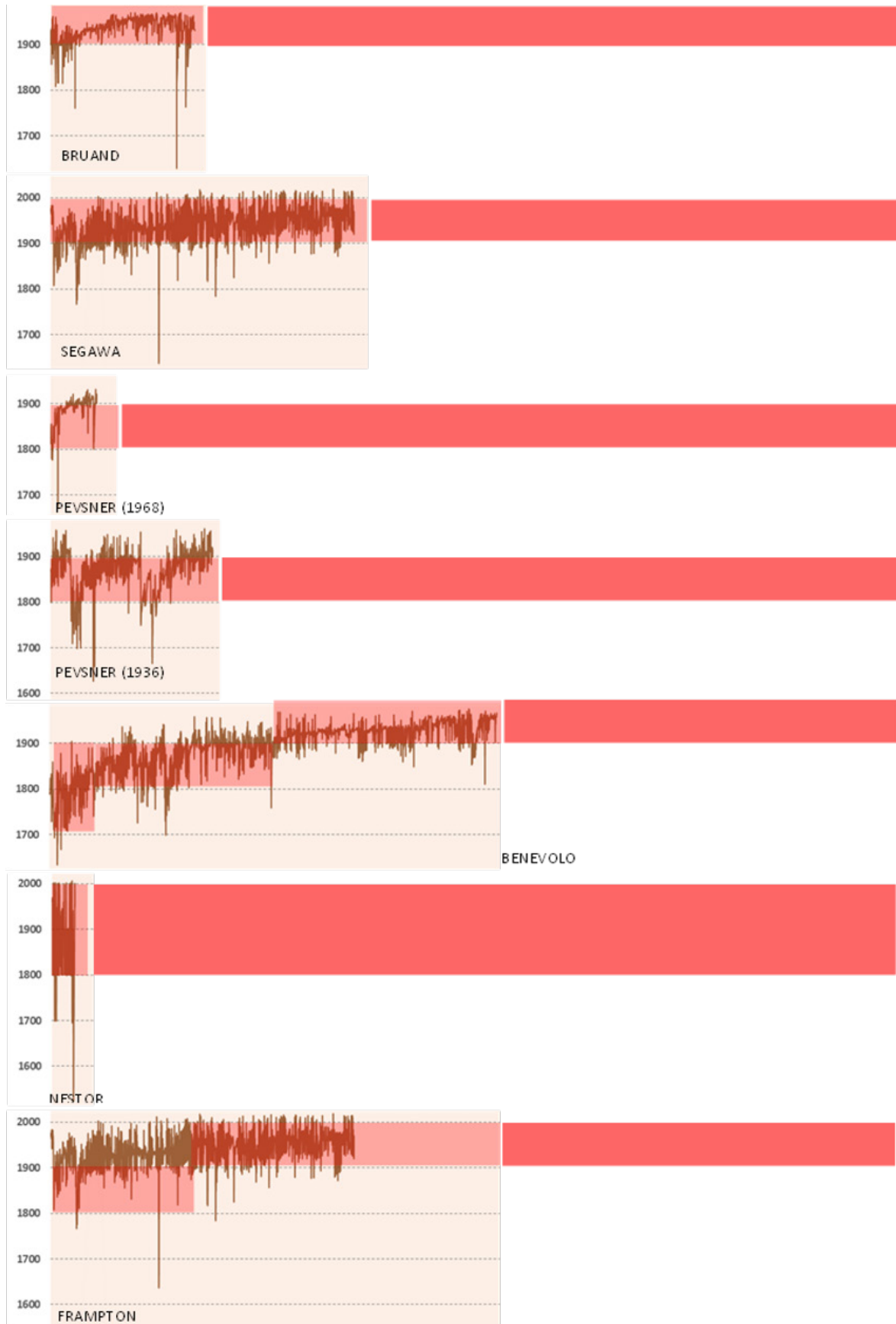


Imagem 5
Movimentação dos balizadores numéricos nas sete narrativas, com evidência ao eixo X
Fonte: Realizado por Ossani (2022)

mentos de oração. Um exemplo dessa transição seriam o primeiro e o segundo parágrafo do capítulo dois (Art Nouveau) da narrativa de Pevsner (1968):

O termo *Art Nouveau* vem da loja de S. Bing, aberta em Paris em fins de **1895**, e o termo alemão correspondente, *Jugendstil*, de um jornal que surgiu em **1896**. Mas o estilo é anterior. Existe a suposição tradicional de que já tenha surgido, plenamente maduro, na casa de Victor Horta, na rua Paul-Emile Janson nº 6, em Bruxelas, projetada em **1892** e construída em **1893**. Mas ela marca apenas a passagem do estilo (...).

As origens da *Art Nouveau* estão no período **1883-1888**. Arthur H. Mackmurdo, um rico e jovem arquiteto e designer, escreveu em **1883** um livro sobre igrejas (...) (Pevsner, 2001, p.43).

Essas correlações ocorrem ao longo de todas as sete narrativas, com temáticas variadas, envolvendo entre outros casos, eventos políticos e econômicos, trajetórias biográficas, comparativos projetuais. Sinalizam o deslocamento do tempo cronológico na narrativa a partir da inserção, quase a "conta gotas", do respectivo balizador numérico (ano). Essas relações são possivelmente construídas pelo instrumento da aproximação mental do passado à realidade presente, sendo similares às estruturas do discurso humano vocalizado. Apesar dessas narrativas operarem mais pela verossimilhança que pela verificabilidade (Bruner, 1991), a inserção dos balizadores numéricos, ainda que usados de maneira pouco frequente, auxilia sua validação.

4. Gráficos Narrativos - segundo fator: ano x imagem

Grande parte das narrativas sobre o passado da arquitetura inclui imagens nas suas publicações. Também é assim nos sete livros selecionados: todos apresentam imagens intercaladas com o texto escrito. O objeto arquitetura, inserido nas narrativas, possui diversos rostos. Além do objeto identificado no próprio texto, a narrativa se vale das imagens intercaladas, representadas por meio de fotografias de objetos projetados, construídos, existentes e demolidos, e de desenhos em variadas escalas. Isso garante certa complexidade e multiplicidade, em contraponto com a ideia de uma narrativa histórica que apresentasse um objeto arquitetônico por uma definição única.

As figuras intercaladas com o texto são em geral numeradas, representando a ordem de uma listagem evidenciando um título, sendo frequentemente associadas a um balizador numérico, normalmente composto de um único valor ou um período numérico

representado por anos e, em alguns casos, séculos (imagem 06). Esse elemento foi adotado como um segundo fator de análise.

Para avaliar a movimentação dos balizadores numéricos, identificados nas legendas das imagens de arquitetura, incluídas nas sete narrativas selecionadas, utilizou-se o mesmo método descrito anteriormente. Foram coletados os dados e gerados os gráficos, a partir da sequencialidade da posição dos valores na narrativa. Para cada narrativa foi gerado um gráfico; aqui apresenta-se em uma única imagem o resultado da justaposição de todos.

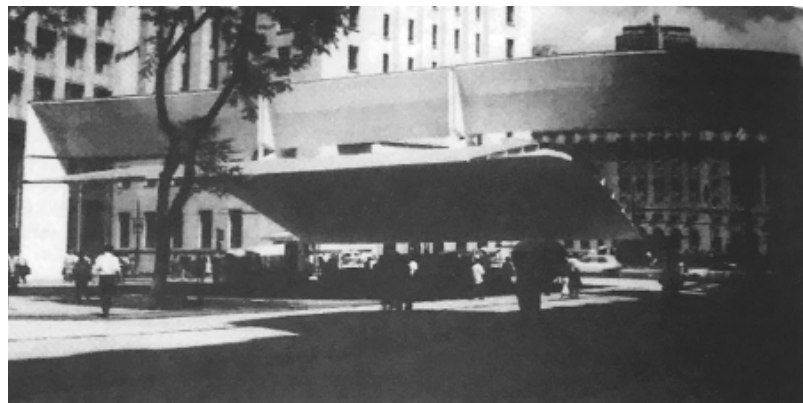
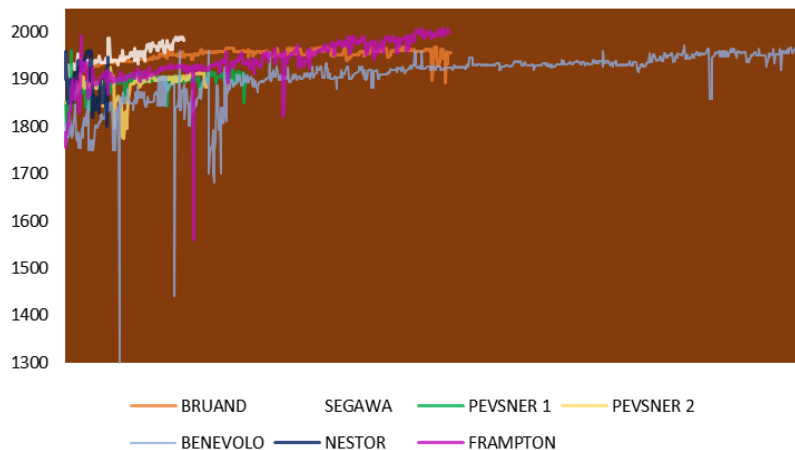


Imagem 6
Imagem do pórtico da Praça do Patriarca de Paulo Mendes da Rocha, associada ao ano 2002. Fonte: Frampton (2015, p.472)

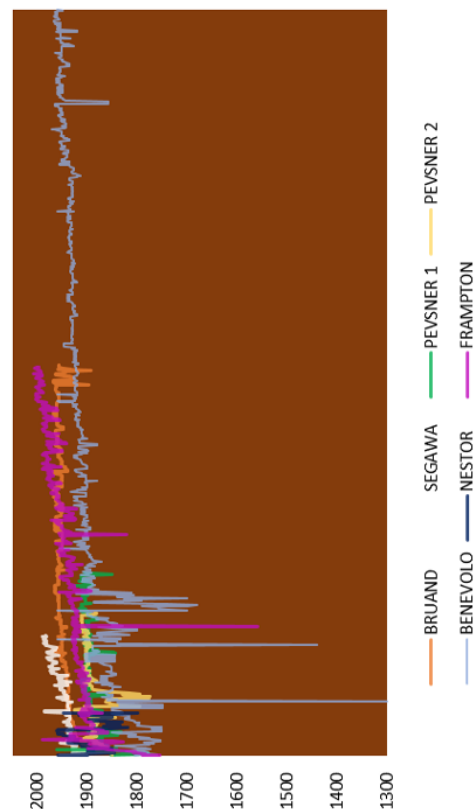
No gráfico a seguir (imagem 07 e 08), o eixo X (horizontal/abscissas) apresenta a quantidade de balizadores (do valor 0 até o valor 1000) e o eixo Y (vertical/ordenadas) a variação desses pontos em relação à ordem cronológica do tempo (do ano de 1300 e até o ano de 2100), a escala numérica é a mesma. A escala do eixo X está fragmentada por valores a cada 200 eventos e no eixo Y está fragmentada por valores a cada 100 anos.

Considerando os balizadores numéricos “anos” associados ao título das imagens, é possível perceber nos gráficos um desenho semelhante ao dos gráficos anteriores, relativos aos balizadores numéricos textuais. Ou seja, em ambos os casos, a arquitetura inserida numa narrativa sobre o passado também se comporta como um evento com uma data de origem, e não necessariamente como um objeto que pode possuir ampla existência extensa no tempo, ou seja, uma longa duração (Braudel, 1958).

Nos gráficos a seguir (imagens 09 e 10) é possível perceber, a partir da representação sequencial des-



Imagens 7 (à esquerda) e 8 (à direita)
Movimentação em conjunto dos balizadores numéricos associados ao título das imagens das sete narrativas com evidência no eixo X. Movimentação em conjunto dos balizadores numéricos associados ao título das imagens das sete narrativas com evidência no eixo Y.
Fonte: Realizado por Ossani (2022)



ses dados, uma menor variação de idas e vindas no tempo cronológico, quando comparados com o gráfico do primeiro fator. A variação no eixo Y possui menor amplitude e, em alguns casos – como na narrativa de Bruand – estão praticamente referenciados ao contexto de um único século XIX-XX. Nos casos estudados, as correlações causais traçadas não seguem tantas movimentações, quando se consideram apenas as imagens da arquitetura incluídas nos livros.

Essa reflexão leva a outra inferência possível. O desenho visivelmente ritmado, de menor movimentação, e apesar da quantidade de imagens ser menor que os dados numéricos oferecidos ao longo do texto, parece reforçar a percepção de uma linha sequencial temporal em avanço crescente. Entretanto, essa percepção ascendente não é constante, nem se comporta de maneira a sempre seguir uma direção única, iniciando no menor valor numérico de ano coletado e seguindo em avanço constante ao último ponto coletado, levando ao maior valor numérico de ano. O fluxo do tempo cronológico em cada narrativa é inconstante, e não gera gráficos simples de desenhos iguais.

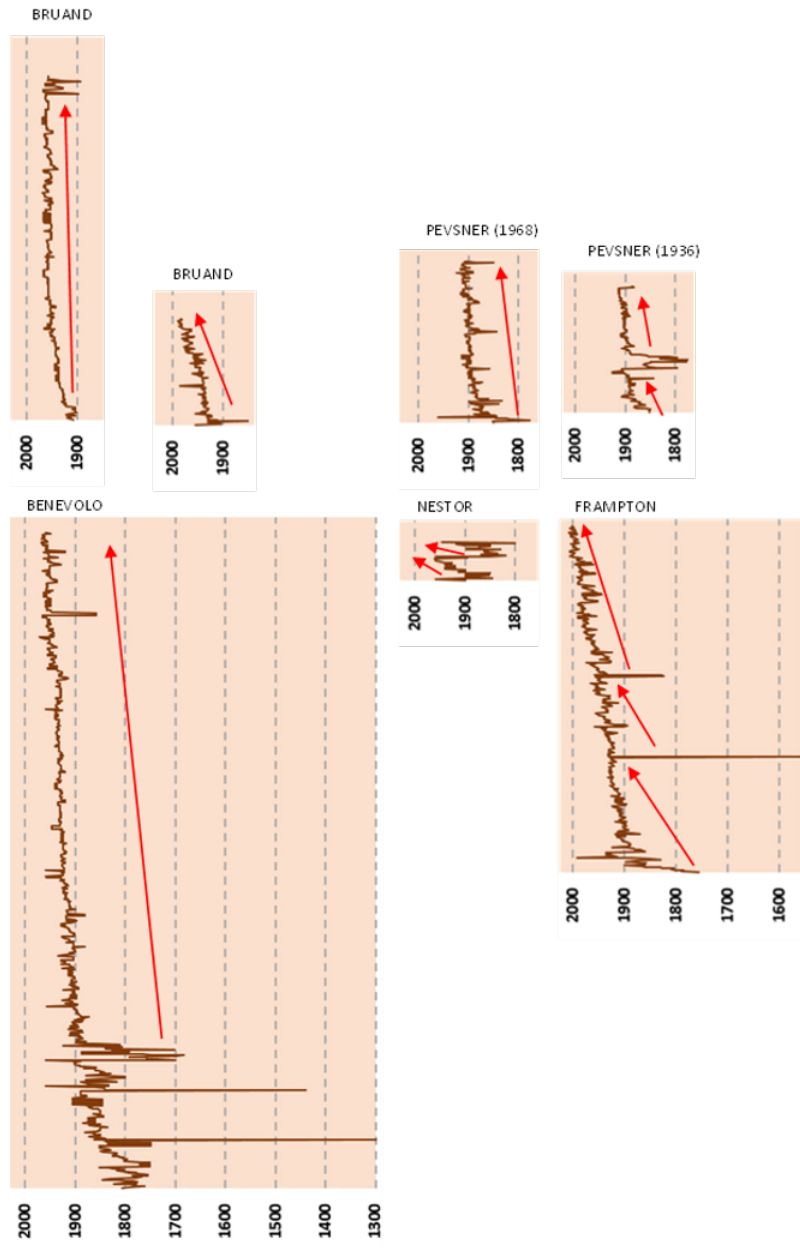


Imagem 9
Movimentação dos balizadores numéricos associados ao título das imagens com evidência no eixo Y. Fonte: Realizado por Ossani (2022)

O sujeito-autor, trabalhando a partir de seu amplo arcabouço de relações, organiza a ação de construção da narrativa, variada, mas com aparente movimento de fluxo progressivo. Esse movimento, supostamente ascendente (embora os gráficos revelem sua complexidade), pode estar relacionado à ideia de uma "linha do tempo" hipotética e crescente, que convencionalmente organizaria a narrativa histórica, como recurso linguístico, definindo os tempos em passado, presente e futuro, na relação do cômputo do tempo cronológico, que também se apresenta como crescente.



Imagem 10
Movimentação dos balizadores numéricos associados ao título das imagens com evidência no eixo X. Fonte: Realizado por Ossani (2022)

5. Cruzando os gráficos

Cruzando os balizadores numéricos dos eventos presentes no texto e os balizadores numéricos presentes nos títulos das imagens em novos gráficos foi possível confrontar como a movimentação do tempo cronológico se dá nesses dois momentos – texto e imagem (Imagem 11). Configurou-se a reunião de balizadores numéricos diversos, que estão em um arcabouço comum, e podem significar diversos eventos associados ao recurso do registro cronológico.

Os balizadores numéricos, como elementos estruturantes dentro da narrativa sobre o passado da arquitetura, apresentam-se em maior quantidade e movimentações no texto do que nos títulos das imagens de arquiteturas incluídas nos sete livros. Os balizadores no texto possuem maior movimentação, ou seja, constroem relações mais numerosas e de maior amplitude que os balizadores associados às legendas das imagens.

Vale ressaltar que, em muitas vezes, são introduzidos na narrativa balizadores que não estão diretamente associados ao objeto-arquitetura, mas conformam contextualizações oportunas. Para cada objeto-arquitetura incluído na narrativa há normalmente apenas um balizador numérico, ou um período numérico associado. O mesmo ocorre a partir de um evento político, cultural ou econômico, como nos seguintes exemplos: a Semana de Arte Moderna de 1922, a aprovação da Lei Chapelier em 1791 e o edifício da Shell em Haia, do arquiteto J. J. P. Oud, associado no título da imagem ao ano de 1938. Acontecimento contextual político ou cultural representado da mesma maneira na narrativa que o objeto arquitetônico, porém, quando observados na realidade específica de cada um, possuem durações de existências e transformações bem distintas.

Também, a constatação de um certo fluxo temporal em avanço é perceptível e, parcialmente confirmada pelos balizadores numéricos nos títulos das imagens. Nas narrativas de Bruand, Segawa, Benevolo e Frampton essa percepção aparece mais visível, enquanto nas de Pevsner (1936) e Reis Filho aparece em apenas alguns trechos. Já na narrativa de Pevsner (1968) existe quase uma simbiose entre os dois balizadores numéricos.

Quando vistos a partir dos títulos das imagens de arquiteturas incluídas nas narrativas, os balizadores numéricos se comportam de maneira semelhante àqueles balizadores que estão pontualmente distribuídos no texto. Essa inserção segue assim o modelo de associação a um único valor numérico, normalmente referente a anos, ou a partir de um período com dois valores, também em "anos"; e em alguns poucos momentos esses valores são associados a séculos.

Mesmo existindo essa associação entre balizador numérico e imagem de arquitetura não é possível saber com exatidão o que isso representa em relação ao objeto. Ao contrário de um documento escrito em determinado ano ou de um evento político que ocorreu em outro determinado ano, o objeto arquitetu-

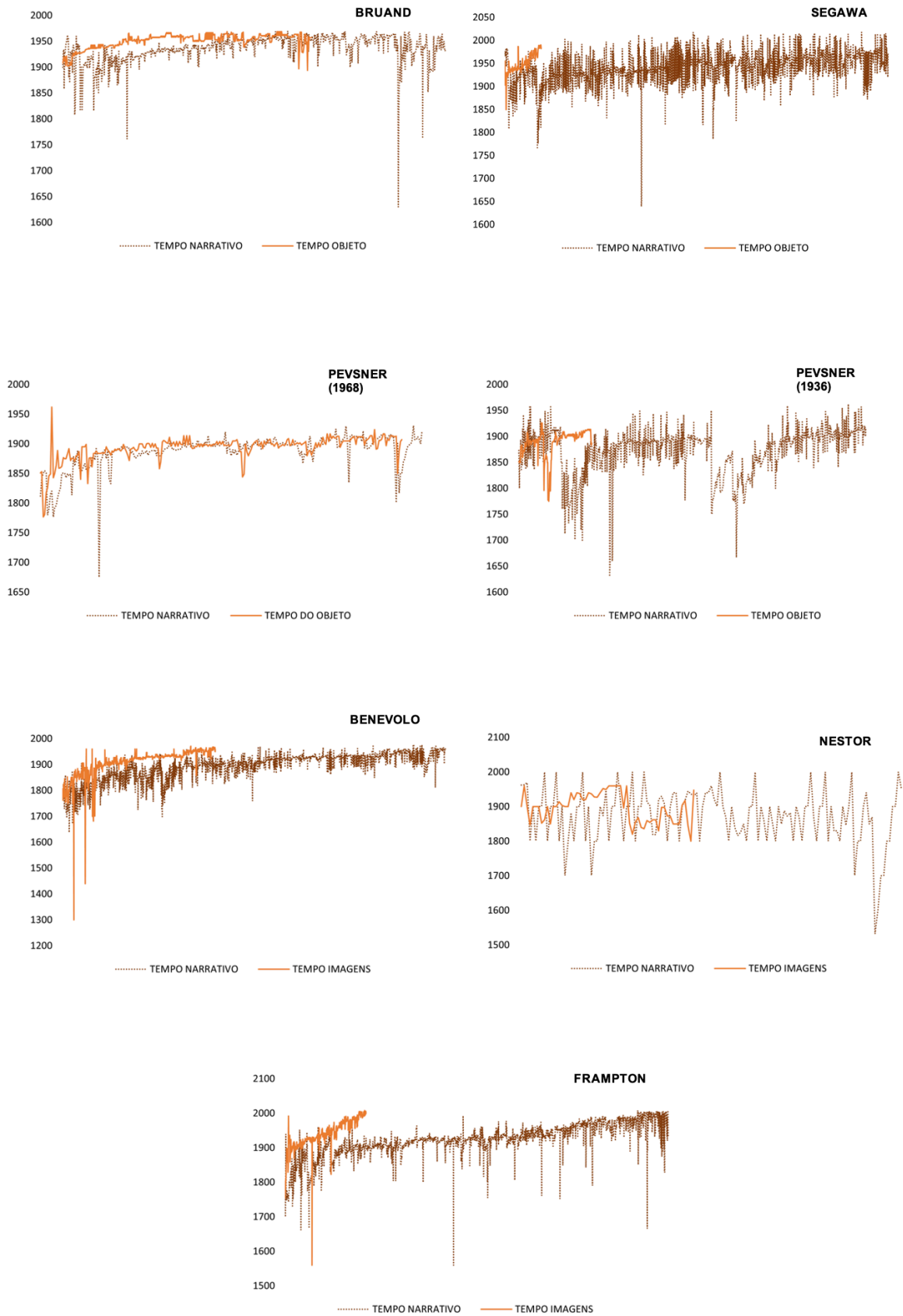


Imagem 11
Movimentação dos balizadores numéricos no texto e na imagem nas sete narrativas.
Fonte: Realizado por Ossani (2022)

ra possui diversas temporalidades associadas a ele, uma vez que possui extensão no tempo cronológico, tanto antes como projeto, como após ser construído (e, eventualmente, quando já tenha sido demolido ou drasticamente transformado). Ao ser tratada também como um acontecimento geral, com apenas um registro pontual cronológico, normalmente originário, as obras de arquitetura podem de maneira equivocada serem representadas.

Além disso, grande parte das narrativas históricas gerais, com foco em eventos políticos, econômicos e sociais, num sentido mais amplo, vão se apresentando em progressão, no cômputo do tempo cronológico. Como visto na amostragem os objetos arquitetura não são totalmente possíveis de serem demonstradas desta maneira, pois apesar de frequentemente associadas as suas origens, as relações causais que permeiam as narrativas arquitetônicas tendem a retornar com a mesma obra ou o mesmo arquiteto/a em outros momentos do texto, propondo relações de influências, o que acaba, na realidade dos fatos apresentando uma visão dissonante do objeto arquitetônico em sua realidade construída. Sem a possibilidade de associação a outros marcos cronológicos ao longo de sua existência e transformação.

6. Algumas Inferências

A mesma obra de arquitetura raramente retorna à narrativa a partir de outro balizador numérico cronológico, além daquele que a relaciona ao contexto inicial. Sua reinserção na narrativa, entretanto, pode ocorrer a partir da construção de uma oração relacional com outras obras; e nesse caso, é usado como referência o mesmo balizador numérico indicado como de sua origem, fixando aquele objeto no tempo passado. Como se, no período entre sua origem e um possível momento posterior, quando é reintroduzida na narrativa, aquele objeto não tivesse se modificado. Esse entendimento cria uma dissonância entre a realidade do objeto e sua reinserção na narrativa, pois em muitos casos essa imagem originária pode ser diferente da realidade posterior, seja do momento em que volta a ser invocado, seja do momento em que a narrativa foi escrita. Um dos exemplos é sobre o edifício Esther no livro de Segawa (1998, p.85-86) que é introduzido e argumentado no texto por meio do final dos anos 1930, a partir de sua impactante inauguração, mas o livro apresenta uma imagem do edifício (figura 47, p.86) com Álvaro Vital Brazil a frente dele de 1985, no qual o edifício já representava outra situação contextual, que não é mencionada.

Outro exemplo, encontra-se no livro de Segawa (2018, p.194) no subitem “Reintroduzindo a vitalidade”, dentro do capítulo 9 “Desarticulação e Rearticulação? (1980-1990)”. O autor comenta:

Em fins de 1979, um grupo de jovens arquitetos de Minas Gerais iniciava a publicação da revista Pampulha. O título era uma óbvia referência ao principal marco do modernismo arquitetônico brasileiro em terras mineiras – conjunto arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer em 1939. (Segawa, 1998, p.194).

Em vista do momento cronológico no qual a narrativa se encontra (1980-1990), o resgate do argumento do marco modernista do conjunto da Pampulha, para justificar o nome da revista, não considera as transformações do próprio objeto, que na realidade, como grande parte das obras arquitetônicas passou por momentos não tão gloriosos. Não se discute neste artigo se Pampulha foi ou não um marco, mas a retórica usada por Segawa (1998) parece apresentar um destaque maior a visão do objeto na sua origem ou no viés tipológico, como marco do modernismo brasileiro, do que a própria condição do objeto em si. O que corrobora essa visão está no fato de que Segawa não traz, neste trecho, nenhuma outra temporalidade associada ao objeto desde sua origem, em 1939 até 1980-90, preferindo preservar a imagem do objeto como marco histórico. Segundo Mendonça (2013, p.23):

O edifício do Cassino, um dos que compõe o conjunto arquitetônico da Pampulha, foi inaugurado em 1943 e abrigou sua função original até 1946 quando, por decreto-lei, o então presidente Eurico Gaspar Dutra proibiu jogos de azar no Brasil (...). De 1947 a 1957 o edifício permaneceu praticamente abandonado, quando após ser destinado a prefeitura de Belo Horizonte foi criado no local o Museu de Arte de Belo Horizonte. (Mendonça, 2013, p.23-24).

Ao longo da narrativa, que caminha por um fluxo cronológico, o objeto arquitetura também pode se transformar ou a própria imagem titulada a partir do ano de sua origem, pode não corresponder ao ano apresentado, ser uma imagem posterior a sua criação, representando apenas uma ilustração no texto e não um argumento.

Se objeto arquitetura, pudesse ser incluído considerando sua extensão física no tempo e no espaço e, não só como aquilo que aconteceu, possivelmente haveria um número maior de balizadores numéricos associados a esse objeto. Dando conta das transformações necessárias à sua existência no tempo cronológico, podendo inclusive seguir para além do término do próprio livro. Consequentemente, a narrativa poderia

traçar uma maior complexidade de relações entre as arquiteturas e outros acontecimentos políticos, econômicos etc., deixando a narrativa panorâmica secular ser tratada ainda mais na superfície. Talvez, assim fosse necessário incluir menos obras de arquitetura, já que cada uma seria vista a partir de mais momentos contextuais, no fluxo finito da narrativa. Por outro lado, a inclusão de arquiteturas relacionadas apenas a um único período cronológico dá margem à inclusão de mais arquiteturas, ainda que resulte em um problema de outra ordem: o de olhá-las apenas a partir das suas origens.

A inclusão do objeto arquitetura como evento pontual e finito no tempo, também induz que a sua tratativa, ao longo da narrativa, receba a mesma conformação de um evento político, econômico etc. a partir de uma contextualização breve e relacional a sua criação. Entretanto, se visto a partir da ótica do próprio objeto, certamente haveria uma demanda descritiva específica – ou seja, a inclusão do objeto arquitetura a partir das suas próprias complexidades, suas transformações espaciais, de implantação, forma, materialidade, entre outras variáveis. Nesse caso, seria necessária uma análise descritiva mais densa, suspendendo provisoriamente a associação cronológica na narrativa; mas que pudesse, ao mesmo tempo, ainda ser vista a partir da ótica contextual.

A possibilidade de suspensão do balizador cronológico é algo quase incompatível, pois é uma das partes que compõe a estruturação das narrativas sobre o passado humano, que o reconhece como referência para compreensão do conhecimento múltiplo e complexo. Desse modo, talvez, as histórias da arquitetura presentes nos livros, como documentação escrita sobre o passado, esteja mais relacionada ao objetivo da construção de uma história de eventos, tendo a arquitetura como recorte temático. Contrariamente, ou alternativamente, seria possível criar um outro possível objetivo no conhecimento sobre as arquiteturas na história: na apreensão de elementos relativos ao objeto em si, sua relação projetual, além dos acontecimentos contextuais que podem vir a se relacionar com ela ao longo de vários outros períodos de existência.

Considerações Finais

O elemento estruturante balizadores numéricos parecem ser empregados subjetivamente, como um instrumento administrado pelo sujeito-autor na construção da narrativa. Os balizadores numéricos condicionam certa percepção crível da escrita na terceira pessoa,

dando destaque aos fatos e não a uma suposta opinião superficial; mas nem sempre os fatos estão acompanhados desse fator de verificabilidade. Em grande parte das narrativas, na sua ação de posicionamento, o sujeito-autor constrói e desenha sua retórica a partir das convenções relacionais humanas, operando na percepção superficial da história como fato verídico e unívoco e não da história como uma interpretação editada sobre o passado.

No modo narrativo, que organiza e relaciona os eventos selecionados do passado, alguns balizadores numéricos se fazem presentes. Numa compreensão mais ampla e generalista sobre a temática central da publicação, há uma percepção condicionada pela sequencialidade da narrativa, como representação textual do passado, pautada na convenção de que está estruturada minimamente em três partes: início, meio e fim. Nessa estrutura os balizadores numéricos servem como identificadores da verificabilidade do acontecimento ou argumento apresentado, no emaranhado de possibilidades lógicas de construir considerações sobre o passado. Ao mesmo tempo, atuam como índices de referência, limitando as demais construções relacionais realizadas pelo sujeito-autor, pois tornam inevitável uma comparação de sequencialidade.

Na ordem narrativa as lógicas construídas pelo sujeito-autor indicam outras possíveis relações, que são percebidas, ou não, pelo interlocutor. Os gráficos gerados a partir da coleta dos balizadores numéricos, presentes no texto dos livros selecionados, ajudam a entender essas relações subjacentes. A partir dessas representações visuais é possível demonstrar que o fluxo cronológico das narrativas possui movimentações que alternam períodos de ascendência e períodos de descendência temporal, sem aparente lógica ou ritmo constante. Desse modo, a convenção que estrutura o livro em início, meio e fim (ou em origens, corpo e resultante da temática histórica central), não apresenta uma continuidade simples e crescente na apresentação dos fatos. O fator evolucionar, correlacionado ao avanço desses fatos no tempo, não ocorre necessariamente de forma linear; e esse caso, o termo evolução estaria mais próximo de um entendimento como "movimentação", e não uma constante de aprimoramento ou melhoramento.

Na amostra estudada, os fatos selecionados e presentes nessas narrativas históricas não são incluídos numa linha do tempo cronológica e ascendente constante, e sim apresentam desenhos complexos, que resultam da representação dos posicionamentos

indicados pelo sujeito-autor, avançando e se retraindo na linha cronológica. Os discursos supostamente “evolucionais” da arquitetura, dentre os presentes na análise estão Bruand e Reis filho, ao longo da história, colocando o termo “evolução” como uma progressão ao aprimoramento, que caminha do passado para o futuro, ou de uma cronológica anterior em direção à posterior, de fato, não existe, pois, essa suposta “evolução” não ocorre numa via única direcional cronológica, mas está ligada a diversas conexões que vão sendo construídas ao longo de cada capítulo. Ou seja, a movimentação cronológica dos balizadores numéricos numa linha contínua, mas em movimento de multiplicidade direcional, representa o desenho do conteúdo específico proposto por cada sujeito-autor.

Ao considerar as imagens intercaladas com o texto e os títulos dessas imagens, nas quais existe a identificação de outro balizador numérico, foi possível perceber que o posicionamento das arquiteturas, como imagens, se aproxima mais da visão convencional que estrutura a narrativa como início, meio e fim, em associação a uma linha crescente e imaginária do tempo cronológico. Na coleta sequencial e processamento desses dados numéricos, os gráficos resultantes mostraram que existem movimentações ritmadas, como nas representações gráficas dos balizadores numéricos no texto, e que esse movimento dita certo direcionamento ascendente.

Na sequência de uma linha imaginária do tempo sobre o século XX, cada arquitetura é normalmente representada por uma imagem, posicionada a partir de um único “cronos”, frequentemente o originário. Assim, ao longo de toda essa linha temporal, essas imagens são inseridas como eventos gerais (a exemplo dos políticos e econômicos), ocupando apenas uma posição. Isso leva à percepção de que, nesse caso, a inclusão do objeto na sequência de eventos é mais importante do que a compreensão sobre do objeto em si mesmo.

Como uma ilustração estática no tempo, através dos gráficos, a arquitetura como temática específica apresenta-se a partir da hipótese gerada pelo narrador, que a posiciona na narrativa à semelhança de um evento histórico geral, e não completamente como um objeto arquitetônico – pois ela se mostra fixada, a partir do balizador numérico de origem que a fez ser incluída, o que a condiciona a apresentar-se sob um único aporte contextual e uma única imagem de representação.

Finalmente, os estudos aqui apresentados podem apoiar a possibilidade de outras maneiras de organizar

as narrativas; por exemplo, onde cada objeto/arquitetura pudesse ocupar, nesse tempo cronológico definido pela sequência do texto, tantas outras posições quantas necessárias, transformando-se e estabelecendo a cada momento outras relações contextuais.

Referências

ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português, *Ler História* [online], 69 | 2016. Disponível em <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.2496>. Acesso em 03 nov. 2021.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Tradução Jonathan Menezes et. al. Londrina: EDUEL, 2012.

BARROS, José D'Assunção. *História e Pós-Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. Retrodição – Um problema para a construção do tempo histórico. *Ler História*, 65, 2013, 129-155.

_____. *Teoria da História*. A Escola dos Annales e a Nova História. Volume V. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Os usos da temporalidade na escrita histórica. *SAECULUM. Revista de História*. Volume 13. João Pessoa, jul./ dez. 2005.

BONTA, Juan Pablo. *American Architects and Texts: American Architects & Texts*. Cambridge: MIT Press, 1996.

BRAUDEL, Fernand. Histoire et Sciences sociales: La longue durée. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 13 année, N. 4, 1958. pp. 725-753. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1958_num_13_4_2781. Acesso em 25 de maio de 2020.

BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*. Vol. 18, No. 1, pp. 1-21, outono, 1991. Disponível em: https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Bruner_Narrative.pdf. Acesso em 23 dezembro de 2021

CARRARD, Philippe. *History and Narrative: An Overview: Plenary*. Narrative Matters 2014: Narrative Knowing/Récit et Savoir, Sylvie Patron et Brian Schiff, Jun 2014, Paris, 2014. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01240979/document>. Acesso em 25 de maio de 2020.

CASEY, John. Review: Histories of the Immediate Present: Inventing Architectural Modernism by Anthony Vidler. *Journal of the Society of Architectural Historians*. June 2010, 69, pp. 286–288. <https://doi.org/10.1525/jsah.2010.69.2.286>. Acesso: 20 de julho de 2020.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madrid: Taurus, D.L. 1997

COLLINGWOOD, Robin George. *The idea of history*. Londres: Endeavour Compass, 2015.

GARDINER, Eileen e MUSTO, Ronald G. *The Digital Humanities: A Primer for Students and Scholars*. New York: Cambridge University Press, 2015.



GENETTE, Gérard. Boundaries of narrative. *New Literary History*. Vol. 8, No. 1, outono 1976, pp. 1-13. Acesso em 23 dezembro de 2021. Disponível em: <http://users.clas.ufl.edu/burt/PROUST2021INCOMPLETENOVEL/BoundariesofNarrativeG%C3%A9rardGenette.pdf>. Acesso em 23 dezembro de 2021

IGGERS, George G. *Historiography in Twentieth Century*. Middletown, Wesleyan University Press, 1997.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. Tradução Mario Vilela. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MENDONÇA, F.M. *Arte e Arquitetura – diálogo possível: um estudo de caso sobre o Museu de Arte da Pampulha*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a história*. Tradução Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

RAGO, Margareth et.al. *Narrar o Passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STONE, Lawrence. The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History. *Past & Present*. Oxford University Press, nº. 85, 1979, pp. 3-24.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Tradução Alda Baltazar e Maria Auxiliadora Knei-pp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução Alípio Correia de Franco Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. *Metahistory. The Historical Imagination in Nineteenth Century Europe*. Maryland: Johns Hopkins University Press, 2014.

_____. *The Content of the Form: Narrative Discourse and Historical Representation*. Maryland: Johns Hopkins University Press, 1990.

_____. *La ficción de la narrativa. Sobre historia, literatura y teoría 1957-2007*. Traducción de María Julia De Ruschi. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011.

_____. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. *Critical Inquiry*. Vol. 7, No. 1, pp. 5-27, outono, 1980. Acesso em 23 dezembro de 2021. Disponível em: <https://digitalrhetoricandnetworkedcomposition.web.unc.edu/wp-content/uploads/sites/11343/2016/01/white-value-of-narrativity.pdf>